

Desterro, Janeiro/Fevereiro de 2014 | Editoras: Carla Alimena e Manuela Mattos

Editorial: Alexandre Pandolfo, Carla Alimena, José Linck, Manuela Mattos, Marcelo

Mayora, Mariana Garcia, Moysés Pinto Neto.

A fralda Mágica com Abas

Líquido azul

Metáfora televisiva

De collant branco

faz um espacate

na piscina

um algodão

no fundo da vagina

Confiante

Seca e suave

Ativa com fluxo intenso

Sempre impecável

Estará sua bunda admirável?

Nem se nota O Incômodo

Aplicador para o medo

O tabu começa no dedo

A fralda. Dr.. é o fim.

Com modess, você tem

O pênis.



a.b. A grande vedete das últimas Olimpíadas. ob

***UMA CENA:** Eurodisney. Lanchonete. Banheiro lotado de turistas. Asiáticas, latinas, americanas, italianas, mulçumanas, indianas, ...anas, ...anas ...anas. Uma brasileira se arrumando no espelho: relógio e bolsa Michael Kors. Luzes no cabelo bem comprido. A filha, com olhar passeando pelas turistas, espera: criança desajeitada (5-6 anos), ares de Sally Draper. De tiara da Minnie. Segurando uma boneca-princesa.- Mãe, por que aquela mulher tem pelos no sovaco? - Sovaco? Já te disse que isso é falta de educação!- Nas axilas, mãe. Por que tem pelos nela? - Porque ela é uma porca, filha.

Comece a Viver!

Goze o liberdade que jamais pensou alcançar. Aproveite as vantagens da Modess, a proteção higiênica da mulher moderna. É completamente invisível. Fantasticamente absorvente. Leve como uma pluma. Incredivelmente confortável. Absolutamente segura. Nada para lavar — é usada uma só vez. E... custa tão pouco! Ao comprar, basta dizer Modess!

Modess

P.S. Para conforto ainda maior, use o Cote Modess.

OUTRA CENA: ENCENANDO DON DRAPER

Advertências: Não querendo saber como termina a sexta temporada de Mad Men, não leia. Se não sabes

o que é Mad Men, esse texto é um convite.

Richard (Dick) Whitman para os Estados Unidos da América é apenas uma lápide, falecido na guerra da Coréia. Oficialmente, Donald (Don) Draper sobreviveu. Os registros indicam que Don foi o último homem a ver Dick com vida.

1. A MOEDA DO AFETO

Nova Iorque, 1968.

Sala de reuniões. Mesa oval. Dois executivos (Ted e Roger) sentados de um lado. Dois do outro lado (Cliente 1, Cliente 2, Jim).

Ao fundo Don Draper está de pé, diante de um cartaz onde se vê uma barra de chocolate Hershey's. Don assume um tom sério, mas teatral. Fala exatamente aquilo que todos queriam ouvir sobre o doce.

"Maior Sucesso de todos os tempos. A América. Memórias da infância."

Cliente 1 e 2 balançam a cabeça, capturados pelas palavras.

Don diz que vai nos contar a sua memória de infância e doce. A fala faz ver um bom menino que cortava a grama. O pai recompensava: deixava que ele escolhesse o que quisesse no mercado. De todas as escolhas possíveis, sempre o chocolate. Para sempre o amor do pai entrelaçado à palavra Hershey's. A Câmera foca apenas o rosto de Don. Expressão da face presunçosa, firme. O olhar é feminino. Ele apresenta a sedução máxima publicitária: "Hershey's: a moeda do afeto. É o símbolo do amor na infância. *It's the childhood symbol of love.* Silêncio.

Cliente 1 olha para Don completamente entregue à imagem vivida. Olhos de menino.

Roger e Jim olham com aprovação, satisfação que a venda pode gerar.

O silêncio é quebrado. Os homens falam com bom humor, piadismo: "oh, a doçura da infância"... "quantas histórias temos para contar".

Risinhos.

Don olha para Ted. Vê sofrimento em seus olhos. Suas mãos tremem. Encenar Don parece perder o sentido. Dick se torna presente. O que verdadeiramente sobreviveu, desertor nunca descoberto.

Ele olha para Cliente 1 e 2 e se desculpa. Ele precisa dizer, pois não sabe se os verá de novo algum dia.

2 Silêncio. Expectativa nos olhares.

Don/Dick diz que na verdade ele era órfão. Cresceu na Pennsylvania, num prostíbulo.

Cliente 1 e 2 confusos, mas esforçando-se para manter a seriedade. Jim mostra medo nos olhos. Ted arregala-se.

Don/Dick nos conta que leu sobre Milton Hershey. Um homem e sua fantástica fábrica de chocolate. Um homem que construiu um lugar onde os órfãos viviam uma outra vida. Lá eles eram desejados. Dick nos conta que sonhava, imagina que chegava a ver: um lugar onde ele era querido (wanted).

Don/Dick inclina a cabeça, fala com desdém ao revelar que a mulher que foi forçada a criá-lo o olhava como se esperasse o seu sumiço. O mais próximo da afeição que ele

sentia vinha de uma garota que o fazia esvaziar os bolsos dos clientes enquanto eles fodiam. Furtando mais de um dólar, a recompensa: uma barra de chocolate Hershey's. Comê-la era um ritual. Olhos marejados. Mão se aproxima da cabeça, Olhar esconde-se. O chocolate. Milton Hershey. Nada mais o fazia sentir-se como uma criança normal.

A câmara mira Ted, olhos de quem não sabe se acredita.

Foca-se a mão sobre o rosto de Don/Dick, apenas uma parte dos lábios se revela. Diz baixo: "era a única coisa doce em minha vida".

Dick foi revelado, sem que os homens na mesa oval pudessem entender o que a cena revelava.

O cliente 1 questiona se a intenção seria usar o relato para vender chocolates.

3 A câmara foca o rosto de Dick que diz: "por mim você nunca faria um anúncio sequer. Você não deveria ter alguém como eu dizendo para aquele garoto o que é uma barra Hershey's. Ele sabe muito bem o que ela significa". *He already knows.* Silêncio.

Roger olha ao longe, ar levemente irritado, como se presenciasse uma besteira.

Jim mexe no paletó e, como um jurista, tenta salvar a situação dizendo que Don está apenas sendo modesto, afinal, é esse tipo de encenação que torna a publicidade tão diferente.

0. O VOLUNTARIAR-SE

Dick voluntaria-se para a guerra. Entrega-se como objeto do

Gozo do Outro: entrega-se para a morte. Não obstante, o verdadeiro Don Draper é seu companheiro de batalha e morre incinerado na sua frente. Dick sobrevive e coloca-se em causa: continuar no campo de batalha, para morrer? Através de outro, viver? Algo acontece. A vida acontece, mesmo que estilizada. Sob outro nome, uma certa montagem se mostra: um publicitário que produz objetos de desejo – o Outro existe não descompletado. Há, ainda, uma devoção ao Gozo do Outro não barrado, uma identificação ao que faz o Outro gozar. Algo perpassa por debaixo deste movimento de repetição. A vida também insiste. É o desejo em sua via.

2. A CASA E O PAI

3 *Fala de uma outra cena, que já passou: Eu não sei nada sobre você, diz Sally Draper para o seu pai, Don. Telefone desligado.*

Agora a câmara mostra os irmãos Sally (13-14 anos), Bobby (11-12 anos) e Gene 4-5 anos) dentro de um carro de bancos vermelhos. Don Draper dirige. Bobby lê. Não se vê bem, mas é um papel. Ele pergunta: Eles chamaram Ela (*name it*) de Hershey por causa do chocolate? Ou o chocolate é por causa da cidade? Don: Havia um Homem chamado Hershey. Ele fez chocolate suficiente para construir uma cidade. Don pára o carro. As crianças não entendem. Sally quer saber por que. Bobby: Aqui é um bairro ruim. Don desce do carro: Venham (*come on*). As crianças hesitam, mas seguem o Pai. Se vê o asfalto. Vento. A Câmera vê como quem olha de cima.

Os pés dos personagens se revelam aos poucos. Sombra. Homem de chapéu guiando outra sombra: três crianças. Eles olham para cima. Câmera foca o rosto de Don: Aqui foi onde eu cresci. Música. Judy Collins cantando *From Both Sides Now*. Melodia lúdica. A Casa se revela como se do afeto. Brinca na escada. Vento nos cabelos de Sally Draper. Ela olha para Don como se perguntasse se era mesmo, se aquilo era sério.



Olhos de Dick, de Don. A menina nem sabe que não sabe o seu nome, o nome do Pai, nome que também é seu. Não sabe nada sobre Ele, mas confia.

Créditos. A música fecha a cena.

I've looked at clouds from both sides now/ From up and down, and still somehow/ It's cloud illusions I recall/ I really don't know clouds at all.

Nesta última cena da temporada nos deparamos com a casa em decomposição, com os restos de doçura e de infância, com a coisa latejante, fagulhas de vida fatalmente assombradas de morte. O espectro que se instaura na despedida da penúltima temporada da série anuncia algumas possibilidades. Podemos fantasiar sobre o futuro de Don/Dick e até mesmo imaginar as próximas falas do personagem aos seus filhos, aquilo o que ele



tem a transmitir-lhes, a começar pelos seus próprios nomes. Estamos jogados em uma cena fictícia que nos coloca a questão acerca da ficção que cada um de nós cria sobre aquilo que nos dá nome, sobre o que nos insere em uma cultura com a qual fatidicamente precisamos fazer laço. Don/Dick, no final da série, continuará sendo este antiherói que não nos dá solução alguma acerca daquilo que é inominável e que pulsa a despeito dos ideais de felicidade?